

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CAMPUS URUAÇU**  
**COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA**

**História Pública e as Demandas e Desafios Dentro e Fora do Espaço Escolar**

**Fernando Augusto Faustino dos Santos**  
**Autor**

**Drº. Erisvaldo Souza**  
**Orientador**

**URUAÇU-GO**  
**2018**

**Fernando Augusto Faustino dos Santos**

**História Pública e suas Demandas e Desafios Dentro e Fora dos Espaço Escolar**

Monografia apresentada à coordenação de história, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em história, sob a orientação do professor Dr. Erisvaldo Souza

**URUAÇU-GO**

**2018**

Fernando Augusto Faustino dos Santos

História Pública e suas demandas e desafios dentro e fora do espaço escolar

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018 pela banca  
examinadora constituída pelos seguintes professores:

-----

Prof. Drº. Erisvaldo Souza

Orientador

-----

Prof. Drª Gercinair Silvério Gandara

Membro Interno

-----

Prof. Drº Edmilson Marques

Membro Interno

**URUAÇU**  
**2018**

A Deus.

A minha família, razão de minha existência.

Agradeço a meu orientador pela paciência e grande ensinamentos.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Independência ou Morte.....	13
Figura 2 - Estudante Protagonista do seu Conhecimento.....	24
Figura 3 - Presente Único .....	31
Figura 4 - 10 Tecnologia.....	34
Figura 5 - Diferentes gerações Fonte:.....	35
Figura 6 - Estatísticas das Matrículas do Ensino a Distância Fonte:.....	40
Figura 7 – O que quer dizer - Ensino Híbrido.....	43
Figura 8 - Sala Invertida.....	43

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>1. A Origem do Ensino de História no Brasil.....</b>	<b>12</b>
1.1 O Conceito de Ensino de História.....	15
1.2 O Ensino de História e Seus Desafios no Âmbito da Instituição Escolar.....	18
<b>2 A Origem do Termo História Pública.....</b>	<b>21</b>
2.1 Conceito de História Pública no Brasil.....	22
2.2 A História Pública e a sua Relevância Dentro e Fora do Espaço Escolar.....	25
<b>3. A história Pública e o Estudo do Homem no Tempo e a Crise do Projeto Denominado Progresso.....</b>	<b>28</b>
3.1. A História Pública e o Desenvolvimento das Gerações e o que elas tem a nos Ensinar....	33
3.2. Evoluções das Tecnologias e das Gerações nos Relacionamentos Interpessoais.....	36
3.3. A História do EAD (Ensino a Distância) uma Aliada ou uma Vilã no Ensino Aprendizado .....	38
3.4. A História Pública e sua Função de Comunicar com as Gerações “Z” e “Alfa” Dentro e Fora da Escola.....	41
<b>4 Considerações Finais.....</b>	<b>45</b>
<b>5. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar as ferramentas da História Pública que podem influenciar positivamente no ensino aprendido escolar. Como objetivo geral busca constatar de que forma o desenvolvimento da história pública reflexiva e autorreflexiva com as suas demandas e desafios dentro e fora do espaço escolar, para além do livro didático, pode auxiliar a prática da história pública de se comunicar com público. Como forma de unir a academia e a escola sem perder a seriedade e o compromisso com a produção de saberes, com a finalidade de analisar os ganhos com uma história mais participativa.

Os objetivos específicos aos quais esse trabalho se propõe são administrar o conhecimento com a tecnologia da informação, comunicação, no ensino de história, procurando difundir a História Pública através da interdisciplinaridade e constatar os conceitos relacionados ao período do indivíduo no seu contexto histórico, com uma análise da experiência do passado numa reflexão e auto reflexão com um posicionamento histórico no presente, dentro e fora do espaço escolar sobre a História Pública. Essa pesquisa visa estudar as demandas e desafios no espaço escolar na qual a história pública testifica, como vereda para conciliar a teoria e a prática, difundindo o ensino de história com o seu público alvo.

Lamentar das intempéries da educação ou ficar estarecido e cair numa letargia, que não irá mudar e nem ajudará a outrem. Portanto, buscaremos reunir informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: de que forma a história pública com as suas demandas e desafios dentro e fora do espaço escolar pode comunicar com seu público altamente exigente e diversificado, auxiliando na formação de uma consciência histórica nos discentes, minimizando os impactos negativos da falta de investimento na educação pública de qualidade? O presente trabalho procura compreender as ferramentas da História Pública, que podem influenciar positivamente no ensino e tem como objetivo geral constatar de que forma o desenvolvimento reflexivo e autorreflexivo pode atingir o alvo do aprendizado. Desta forma, o livro didático pode auxiliar a prática como forma de unir a academia e a escola sem perder a seriedade e o compromisso com a produção de saberes, com a finalidade de analisar os ganhos com uma história mais participativa com a comunidade. Aplicar o conhecimento com tecnologia da informação e comunicação e mídia em geral no ensino de história. Buscar difundir a história pública através da interdisciplinaridade. Constatar os conceitos do indivíduo no seu tempo (tempo e espaço) de um fato histórico relacionando a experiência do passado e o posicionamento histórico no presente.

Com a chegada da tecnologia mais acessível e a notícia transmitida em tempo real impactou as gerações, isto encaminhou para algumas adaptações no ensino de história, unindo os recursos tecnológicos e os não tecnológicos. Sabe-se que no ensino de história seu objetivo não é informar mas formar uma consciência histórica, para tanto a interdisciplinaridade, os meios tecnológicos de comunicação e informação, a história e o conhecimento da comunidade, somarão métodos bastante interessantes, devido aos seus resultados razoavelmente rápidos e dinâmicos.

Permanecer num ensino de história com o método tradicional de um professor detentor do saber e o aluno vazio de conhecimento, sem visualizar as transformações da sociedade no campo social e tecnológico é realmente preocupante, por isso se faz necessário canalizar toda informação de forma histórica didática no ensino aprendido eficaz formando e transformando vidas.

O que impulsiona a realização desta pesquisa é a dificuldade para prática da história pública de se comunicar com comunidade dentro e fora do espaço escolar. Essa pesquisa se justifica através do desenvolvimento de uma consciência reflexiva e autorreflexiva da própria história para além do livro didático bem como estreitar as distâncias de comunicações entre as gerações. O debate conceitual do passado historiográfico, a entrevista com integrantes da comunidade como testemunha de um fato, ou através da tecnologia da informação e comunicação (TICs), e ainda pela mídia em geral numa interdisciplinaridade, sempre traçando uma conexão com o presente, isto faz essa pesquisa relevante para o meio acadêmico e escolar. Uma parceria entre o saber acadêmico e o saber escolar, andando junto com a história didática, para a formação de uma consciência histórica e construindo relacionamentos interpessoais, contribuindo com a comunidade rumo a cidadania, num viés de uma história mais participativa. Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas. A pesquisa bibliográfica tem por base publicações sobre História Pública com suas demandas e desafios.

A investigação foi desenvolvida de forma mais ampla possível para atingir nosso objetivo. Para uma busca dos objetivos e melhor apreciação da sua meta, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória devido ao fato do uso de fontes bibliográficas e descritivas para que fosse possível descrever todo o processo.

Devido ao uso de fichamento de livros, será utilizado a abordagem qualitativa para tratamento das informações devido a interpretação que se fará acerca das fontes bibliográficas exploradas.

Diante do problema a pesquisa percorreu áreas da prática da história pública em se comunicar e ainda como pesquisa bibliográfica, com o seu desenvolvimento da História Pública, as suas demandas e desafios na comunidade escolar. Numa análise geral unindo a academia e a escola com a seriedade e o compromisso histórico, o que será feito ao aplicar o conhecimento acessivo, arquivos e acervos, visitas ao museus, etc.

Conforme Machado (1994, p.12), “Fontes: obra de referência, do tipo fonte secundária [...]. Bibliografias gerais, especializadas, de um autor e sobre ele; índices; resumos”.

Para realização desta pesquisa utilizaremos as fontes secundarias, visto que temos em posse dados secundários, devido a pesquisa de informações bibliográficas de acordo com o objeto de estudo.

O trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História está organizado em três capítulos e cada um, com dois subcapítulos com exceção do capítulo três com quatro subcapítulos. O primeiro capítulo baseado em vários autores, busca estudar a origem do conceito e como ela - a história - foi planejada, e os desafios do ensino em nosso país. No capítulo posterior trata da importância do conceito, que é, História Pública e sua relevância dentro e fora do âmbito escolar. O terceiro capítulo, marcado pelo pós Segunda Guerra Mundial, bem como a crise do tempo e do projeto denominado progresso, também trata do desenvolvimento da tecnologia e das gerações no ensino aprendido bem como o relacionamento interpessoal das gerações e a comunicação com a geração Z e Alfa.

## 1. A Origem do Ensino de História no Brasil

A História do Ensino de História no Brasil, foi marcada pela presença da família real portuguesa, consolidando o espaço nacional com "bravos heróis". A origem do ensino de História teve o intuito de consolidar o território como nação após a "independência": com a versão conhecida como o grito do Ipiranga as margens plácidas e de forma heroica os raios da liberdade brilhou no céu da pátria, graças a bravura de Dom Pedro I em 1822, foi apresentada uma história para legitimar como nação o território brasileiro, garantindo a memória e a ideia de pertencimento nacional.

O Ensino de História no Brasil no século XIX, não visava formar uma consciência histórica popular, mas fortificar uma minoria elitizada visto que a maioria era analfabeta. Com a chegada da família real, isto ficou perceptível quando o Brasil começou a criar políticas para beneficiar uma elite agrária. Os primeiros estudos foram para fortificar esta minoria elitizada da época, trazendo a imagem de heróis e atos heroicos como o grito do Ipiranga (SOUZA e SCHERRER, 2017).

Houve várias reações armadas da população em todo Brasil, e a abolição da escravatura no país - uma das principais bases do Império - um ano depois, veio viabilizar no dia 15 de Novembro de 1889, através de um golpe, que levou o Marechal Deodoro da Fonseca a proclamar a República brasileira. Nova página escrita no ensino de história, que agora assumiu o papel de unidade nacional através do patriotismo e um sentimento civil para consolidar a República brasileira, repaginada com o golpe civil militar de 1964, quando o governo passou a monitorar o que estava sendo ensinado nas escolas e faculdades. Pode-se dizer a priori, que o ensino de história como disciplina em nosso território, funcionou para fortificar a República e quem estava no comando da nação. Neste contexto, fica claro que o reduto escolar tinha como prioridade a exaltação de "heróis nacionais" (ZAMBONI, 2002).

Segundo Fontes (2018, p.78) "Assim, principalmente não só a história, mas o ensino de história, a disciplina de história estão interligados ao seu tempo". A origem dessa afirmação é facilmente encontrada quando se analisa, as veredas históricas que o ensino de História percorreu no Brasil e Bloch (2001) destaca que a história é o estudo do homem no seu tempo.

Conforme a obra de Bueno (2018), o quadro da independência, datado por 7 de setembro, encomendado pela família real a Américo, registra uma imagem da soberania da

monarquia imperial, mas segundo relatos da testemunha ocular de padre Belchior Pinheiro, não revelariam a veracidade dos fatos, conforme a ilustração abaixo:



**Independência do Brasil - 07 de setembro de 1822**

Figura 1 - Independência ou Morte  
Fonte:(USP, 2018, p. 01)

Podemos perceber na ilustração acima forte influência do positivismo que auxilia muito na leitura do enaltecimento da figura de um herói, um quadro feito 66 anos após a proclamação da independência quando ainda não era nem nascido, descreve uma história oficial ensinada nos livros didáticos. De fato, percebemos que existe veracidade, proclama a independência mas não como na pintura de 1888. Desta forma é notória que é preciso uma análise detalhada diante de uma obra.

O fato é que na análise desta ilustração pintada 66 anos depois da Independência, sabido que a capital era no Rio de Janeiro e a até Santos São Paulo, as margens do riacho do Ipiranga, numa trajetória de mais de 600 km havia picada feita pelos índios, o animal usado não era cavalos, mas mulas ou jumentos por ser mais resistentes para trajetórias de longas distâncias. O problema é que não se pode deixar de evidenciar que o número é bem expressivo de soldados da guarda real vestidos de gala para uma “batalha”. Vale lembrar que nesta batalha não houve confronto como por exemplo: Estados Unidos, a guerra pela independência e na França, a Revolução Francesa. Outro fato curioso porque em São Paulo e não Rio de Janeiro capital da época. Percebemos que na pintura a única fidelidade foi a “pintada” em segundo

plano: do boiadeiro no fundo da tela do lado esquerdo e um camponês ambos sem saberem o que estava acontecendo e totalmente alheios com o que estava acontecendo.

Conforme verificado por Salles, Pimenta e Oliveira (2016), Pedro Américo, recriou uma cena que ninguém viu, no quadro do Grito do Ipiranga, porém houve guerra pela dependência, a saber: Bahia, Pará, Maranhão, Piauí, Província Cisplatina, e para o ator houve participação popular no processo comparando com os demais países latinos. Trata-se inegavelmente de um ponto de vista, seria um erro, porém, atribuir o ato heroico, de independência de Portugal sendo o príncipe recente o filho do rei de Portugal. Assim, reveste-se de particular importância reserva desta “independência”. Sob essa ótica, ganha relevância que a proposta sugere questionamentos sobre tais colocações.

Segundo Aurélio (2010), os eventos da independência do Brasil, da Abolição dos escravos e da República são momentos decisivos para a nação e para um o povo, porém, na prática o povo não participa de nenhum desses eventos. Eis alguns momentos que marcaram a história brasileira segundo Aurélio:

- Setembro de 1822 - Brasil se torna "independente" de forma "heroica".
- Abril de 1888 - A princesa Isabel assina a Lei Áurea de forma "redentora liberta" os escravos.
- Novembro de 1889 - O militar contra a monarquia que ficou conhecida como a Proclamação da República.

Percebemos várias transformações na nação brasileira que vão fortalecer o Estado, mas não a cidadania. Importante ressaltar, a necessidade de compreender esta parte da história não com revolta e um senso de ter sido enganado, mas de trazer à baila a origem histórica e política da nossa nação.

Na investigação da obra *A Formação das Almas - o Imaginário da República no Brasil*, procura trazer para pesquisa conceitos que foram segundo o autor fundamentais na formação do imaginário republicano brasileiro. José Murilo de Carvalho (1990), autor da referência.

É interessante, aliás, lembrar segundo Carvalho (1990), que houve a manipulação de símbolo que foi rejeitado e outros que transpassou esse período para se legitimar a República e alcançou os dias atuais. “Tais como, por exemplo, os heróis da pátria, os hinos da nação brasileira e a bandeira, e a celebre frase da bandeira do Brasil, *Ordem e Progresso*”. Conforme explicado acima, mas há fato que se sobrepõe todo o processo que, buscava a assimilação popular, porém o povo não participa desse processo, pois não há debate,

reivindicações, nem conquistas. Mesmo assim, não parece haver razão para que a República não fosse consolidada. É sinal de que há, enfim, força de manipulação de quem detém o poder.

Pode-se dizer que Carvalho no livro *Formação das Almas*, registra a legitimação da República, apelando ao sentimento de pertencimento, ou seja, que faz parte de um grupo que compartilham algo em comum. Neste contexto, fica claro que Eduardo Bueno concorda com Zamboni. Fontes, Aurélio e Bloch reforça que legitimar a Independência e a abolição, se utilizaram em fortalecer a imagem de um herói. Isto continua visível em nossos dias, contudo, o ensino da história reflexiva e analítica leva uma compreensão do que foi o período bem como a sua relevância para compreender como foi trabalhado a história desse período na sua origem. Em relação ao ensino de história "[...] a História foi entendida como o espaço da perpetuação e preservação dos heróis de uma memória nacional [...]" (ZAMBONI, 2002, p.109).

Por fim, podemos chegar à conclusão de que a História ou o ensino da história ajuda a compreender o porquê do funcionamento da política brasileira. Logo, é indiscutível aplicar o análise detalhada apurando os fatos históricos. Nesse sentido, é possível ter um formação histórica tanto da história oficial quanto da história apurada.

### 1.1 O Conceito de Ensino de História

O conceito de ensino de história, visa a formação para cidadania, despertando para uma reflexão da própria história, um período de descoberta e de racionalização de um ensino de história que foi ensinado durante anos nas escolas brasileiras, em transição para um aprendizado crítico dentro e fora do espaço escolar, desafiando os obstáculos para cabedal de conhecimento independente e responsável na formação do discente. Neste contexto, para a Ribeiro (2017) fica claro que a tática de manipular a história pelos governos, foi usada deste o período Brasil Imperial, Estado Novo e Ditadura civil-militar de 1964 e continua nos nossos dias. O mais preocupante, contudo, é constatar que nada mudou na política educacional defendida pela elite que governa o nosso país em pleno século XXI, porém cabe ao educador no ensino de história ensinado no Brasil a não ser repetidor de uma história que beneficia apenas aqueles que estão no governo e seus aliados, mas ser autor de um ensino de história responsável crítico e dinâmico.

Do ponto de vista de Bittencourt (1990) pode-se dizer que o ensino de história no Brasil foi de referenciar datas, heróis e principalmente de instruir o indivíduo para ser um eleitor, pagar impostos e a alistar no serviço militar. Neste contexto, fica claro que a cidadania estava relacionada aos deveres da manutenção do Estado, ou seja, direito político. O mais preocupante, contudo, num contexto de globalização é constatar que o governo a partir de 1990 encabeçou políticas educacionais, dentro e fora do espaço escolar com o propósito de induzir o indivíduo a reproduzir seus ideais sem refletir. Não é exagero afirmar que grande prejuízo se constatou para formação da memória e consciência histórica de milhares de alunos. Cabe ao professor de história a desconstrução desses ideais que inibem o indivíduo a pensar, a criticar e a buscar soluções para os problemas identificado. Assim, preocupa o fato de que temos um longo processo pela frente, para filtrar informações disponíveis hoje, isso porque alguns veículos de comunicação e a mídia em geral ainda estão a serviço do governo e seus interesses.

Conforme explicado acima é interessante, aliás, afirmar que o governo se preocupou em manter uma política para manutenção do Estado, mas há um fato que se sobrepõe ao ensino de história, que é o esforço do governo em formar cidadãos e promover reformas na educação dentro e fora do espaço escolar desde muito tempo atrás como, por exemplo, no período imperial. Mesmo assim, não parece haver razão para comemorar essas reformas. É sinal de que há, enfim, um governo pelo Estado e para o Estado e a formação do cidadão com os diretos à uma educação de qualidade fica em segundo plano.

Segundo Zamboni (2002), nessa época do início da República, aconteceu fatos importantes, o desenvolvimento da História no Tempo e no Espaço que funcionou durante muito tempo. O contexto histórico aponta governos envolvidos, como manipuladores políticos, que hoje pode ser comparado a uma história contrária a cidadania. O autor deixa claro, vale ressaltar que o ensino de História passou por transformações e a história do heroísmo já está sendo questionada e somada pela reconstrução da memória dentro e fora do espaço escolar.

Pode-se dizer que o Bittencourt, analise a história oficial, de repetição sem criticidade, ensinadas na escola numa continuidade da origem da História como nação. Neste contexto, fica claro que Zamboni, concorda com Bittencourt no que se referem a História oficial que foi instrumento dos interesses daqueles que detêm o poder. O mais preocupante, contudo, é constatar que Bittencourt e conforme mencionado pelo autor Zamboni, afirmam que o educador tem um missão dupla de desconstruir uma História oficial não apagando da memória

mas fortalecendo para uma construção da memória cidadã, professor tem um papel social em busca da cidadania, mas nem todos pensam desta forma. Não é exagero afirmar que o desafio começa a partir do professor, é importante que o passado seja compreendido na análise do presente "O ensino de História tem se preocupado em buscar o novo e o universal no cotidiano, [...] do ensino. [...] não se restringe as atividades em sala [...]" (ZAMBONI, 2002, p.109).

Ora, em tese, o Ensino de História, conceitua a História, mostrando o desafio em abrir um debate até a formação histórica do indivíduo. Conforme explicado acima, espera-se dessa forma, posicionamento histórico dos educadores de despertar nos educandos o interesse para descobrir, tirando suas próprias conclusões. Caso contrário, por exemplo, os educadores serão veículo do Estado em repetir uma História oficial, sem analisá-la. Não se trata de doutrinação, mas trata-se em analisar a História do lado do povo e não apenas a História Oficial, lamentavelmente, o ensino da História apenas de uma ótica. É importante considerar que a transformação poderá ocorrer a curto, médio e longo prazo, a priori com os formandos em história podendo de início aplicar o conhecimento conceituando o passado para entender o presente, mas vale lembrar da capacitação continuada dos professores que já estão em sala de aula viável e necessária.

De acordo com Prohmann (2016, p. 27), conceituar o conhecimento é importante para o aluno e a aluna:

[...], não basta uma transmissão, é necessária uma produção, o conhecimento deve ser produzindo em sala de aula, e não entregue ao aluno/a pronto, não pode ser apenas uma assimilação de informações. A História tem que ser interpretada, analisada, relacionando com a vida prática dos alunos e alunas. Temos que pensar sempre nos usos da História para a vida humana. Não seria apenas ensinar, é apreender para que serve a História, se nem os/as professores/as souberem para que serve o que estão ensinando, como os alunos e alunas vão entender o sentido de estudar certo tema.

Portanto, o autor deixa claro na citação acima, que torna-se evidente que, o Ensino de História é no mínimo oportuno para promover um conhecimento, além da informação, ela precisa ser entendida para que ela serve. Logo, é indiscutível que o ensino de história é desviado para as convicções daqueles que governam como um instrumento ora para amordaçar e ora para manipular opiniões. Nesse sentido, é possível ao professor de história apresentar o cenários histórico e deixar que o corpo discente após uma reflexão tome suas próprias conclusões.

Por todas essas razões, relatadas neste capítulo, é possível perceber a importância do ensino para transformar e formar na construção da cidadania. É preciso ressaltar que, não

existe mágica mas sim um trabalho responsável e consciente. Por fim, podemos chegar à conclusão de que a história Oficial do Brasil serviu aos interesses do governo. Logo, é indiscutível que o Ensino de História, na sua conceituação histórica, pode corroborar na formação acadêmica e cidadã do discente, seja fundamental, médio ou superior.

## 1.2 O Ensino de História e seus Desafios no Âmbito da Instituição Escolar

Segundo Bueno, Estacheski, et al., (2017, p.345) "O ensino de história na atualidade passa por diversos desafios, em uma sociedade cada vez mais imediatista, em que o uso de tecnologias vem se ampliando constantemente com imagens e informações". Pode-se dizer que na atualidade o ensino de história depara com uma sociedade impaciente está cada vez mais preocupada com soluções rápidas. Neste contexto, para Estacheski, et al., (2017) fica claro que o ensino de história teve que adaptar-se. O mais preocupante, contudo, é constatar que a sociedade embora esteja diante de uma mega possibilidade de soluções informativas o risco de não saber o que fazer para apurar tanta informação é inevitável.

De acordo com Bueno, Estacheski, et al., (2017, p.346):

[...] percebeu-se mudanças significativas em relação à disciplina, à preservação da memória social e o sentido de pertencimento ao lugar atestando que a abordagem interdisciplinar contribui para a formação do educando e o uso de tecnologias são instrumentos importantes para no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, procuramos nos distanciar da história factual e positivista que prevê apenas a memorização de datas e fatos e optamos por uma abordagem que partisse da bagagem cultural do educando e o inserisse em um contexto maior, o da História Local e suas implicações.

A origem desse fato é facilmente encontrada devido à dificuldade para se comunicar com os alunos dentro e fora do espaço escolar. Conforme citado acima, o autor deixa claro como era o ensino de história que durante anos foi ensinada, hoje um desenvolvimento para uma consciência reflexiva para além do livro didático. Conforme citado por Bueno, Estacheski, cabe apontar que, apesar do aprendizado se deu a partir da preservação da memória social e de uma abordagem interdisciplinar usando a tecnologia ainda é um desafio chegar a uma homogeneidade no ensino.

De acordo com Fagundes (2006, p. 166):

A construção de novas formas de intervenção junto ao ensino de história é uma tarefa complexa e pressupõe o entendimento de aspectos relacionados com o conhecimento específico da área de história, mas também com o conhecimento referente a outras áreas. Depende, também, dado inúmeras necessidades e compromissos aos quais as escolas estão condicionadas. Ou seja, a construção de

propostas inovadoras, nas atuais condições da escola brasileira, passa pelo enfrentamento de desafios.

Conforme citado acima, o ensino de história enfrenta desafios na educação brasileira, isto é, um consenso em ambos os autores. Neste contexto, para Bueno, Estacheski, et al., (2017) fica claro que hoje o ensino é mais reflexivo dentro da história, além do conhecimento em outras áreas da interdisciplinaridade e a tecnologia da informação e comunicação (TIC) dão novos rumos no ensino aprendido. O mais preocupante, contudo, é constatar que nem sempre esta realidade é contemplada na maioria das escolas públicas do país. As políticas em favor da educação não dão estruturas para as escolas para exercer sua autonomia, mas esta tem condicionado aquém do leque de oportunidades da aprendizagem. Logo, o compromisso recai para a gestão escolar e ao professor.

Pode-se dizer que há uma complexidade para intervenção no ensino de história diante da realidade desafiadora das escolas brasileiras, pois a sociedade está desacreditada. Como bem nos assegura Bueno, Estacheski e Crema (2016, p.11), "O público geral parece não se interessar mais pela história, essencialmente politizada, que tem sido imposta constantemente nas escolas [...]" conforme citação, a tecnologia abre um leque de informações instantâneas tudo de forma dinâmica e divertida, logo o ensino tradicional terá dificuldade de transmissão do ensino de história eficaz para um grupo que nasceram na época informatização da informação.

É indispensável a união entre os gestores, educadores, estudantes e a comunidade para que as mudanças sejam significativas para comunidade, e para a história brasileira.

É preciso reconhecer que há alguns avanços no ensino, porém pequenos em relação a demanda, é importante que não se desista diante desta nobre causa. Mesmo sabendo da perda do valor do ensino de história para a sociedade, o que mais preocupa, contudo, é constatar que pouco está sendo feito para resgatar a importância da história para o indivíduo. As mudanças não virão dos governantes e sim pela unidade por causa maior, isso porque não é propósito dos governantes que o povo seja um povo pensante, reflexivo e crítico a ponto de ruir a estrutura criada por eles.

De acordo com Stancik e Miléo (2012, p. 431), devido à dificuldade que o ensino de história enfrenta para se comunicar no ambiente escolar e fora dele, essa pesquisa se justifica através da aplicação da História Pública em contribuição para o seu público alvo a vantagem em obter uma melhor comunicação é inevitável:

Contudo, propor tal ferramenta como aplicável à história pública significa alertar para a necessidade de buscar meios os mais variados para o diálogo não apenas com um público mais amplo, mas também com um público mais particularizado e que, provavelmente, não seria sensibilizado de outras formas. Trata-se exatamente do público que frequenta o local onde o painel foi instalado. Público este composto prioritariamente por agricultores, técnicos agrícolas, engenheiros agrônômicos, zootecnistas, veterinários, além de estudantes daquelas áreas, bem como das séries iniciais. Não se pode desconsiderar outros visitantes, entre os quais vez por outra se inserem antigos moradores da unidade, na condição de ex-servidores e/ou familiares seus.

Parece óbvio que há ligação entre a história e o seu público, mas não assimilado nas instituições de ensino médio. O autor deixa claro, sob o ponto de vista da história pública, a busca por resgatar uma história além do livro didático e da sala de aula e presente na comunidade e ao redor da escola como em centros de memória, jornais, museus, rádios, televisões etc. Afinal, trata-se de repertório de amplas possibilidades de se comunicar com o público, essas questões são, contudo, obviamente vistas diariamente, mas nesse caso, o que estaria acontecendo na verdade falta de uma compreensão clara dos objetivos da história pública, caminhando junto com os métodos, especializações para uma interpretação dentro e fora do espaço escolar.

## **2 A Origem do Termo História Pública**

Segundo Carvalho (2017, on-line.) "em meados dos anos 1970, no âmbito da Universidade de Santa Bárbara, na Califórnia (...) Robert Kelley, então professor naquela

instituição" deu início do termo na América de História Pública. A origem do termo se deu nos EUA, que enfatizava a atuação do historiador e dos métodos históricos do campus para a sociedade, uma história que visava alcançar um grupo fora da academia.

É possível verificar, que a História Pública propõem um campo de comunicação com público nos seus mais variados segmentos sociais. Pode-se dizer que a História Pública, através do historiador, trabalha com a sociedade através dos seus métodos históricos em vários setores, como, por exemplo, nos museus, na mídia, em espaços públicos e privados, governos etc. Neste contexto, para Carvalho (2017), deixa claro que didaticamente os conhecimentos adquiridos na academia são utilizados para se entender a história fora do espaço escolar. O mais preocupante, contudo, é constatar que o governo não pensa no crescimento intelectual do povo e pouco fará para mudar esta realidade na sociedade não utilizando as políticas públicas para estes fins beneficiando o povo.

Podemos perceber a importância de saber sobre a origem do termo história pública anglo-saxônica na década de 1970 a sua inclusão em terra brasileira, bem como a sua aplicabilidade para a sociedade na qual está inserida na interpretação do mundo dentro e fora da academia e do espaço escolar. Logo, é indiscutível a união da teoria e a prática histórica. Nesse sentido, é possível unir a arte de ensinar com a técnica da pesquisa científica, ou seja, o conhecimento teórico e metodológico que embasa o conhecimento histórico do seu público dentro e fora das escolas.

Com base em Shopes (2016, p.73), nos EUA, "Comitê de Coordenação Nacional pela Promoção da História, que fora organizado mais ou menos tempo para resolver a crise de emprego, levou a criação do Conselho Nacional de História Pública, em 1980", com o objetivo de profissionalizar ampliando o campo de atuação do historiador, com a história social fora da academia e voltada para a sociedade.

De acordo com Almeida (2016), os pioneiros da história pública fizeram uma longa caminhada até o conceito chegar ao Brasil, mas através de muitos esforços foi possível fazer uma leitura e uma construção da memória, de uma consciência histórica numa sociedade em movimento.

Conforme Shopes(2016), alguns eventos marcaram bem a vereda da História Pública Americana:

- Em 1970 - Surge na Inglaterra o termo de História Pública. Na Europa, com intuito político e ideológico voltado para o justiça social.

- 1976 - A revista *History Workshop Journal*, publica artigos sobre a História Pública, conscientizando e ponderando a aplicação para uma audiência maior.
- 1980 - Wesley Johnson, passou a divulgar a ciência, maximizando a visão da História pública.
- 1981 – Surge o primeiro curso, com Paul Mattingly e Daniel Walkowitz, em Nova York.
- 1998 - A fundação do Australian Center for Public History, em Sidney, por Paula Hamilton e Paul Ashton ampliando o campo de debates

Neste período, cria-se uma estrutura do que é, e para que serve História Pública para os americanos. Hoje, os Estados Unidos da América são uma referência mundial, para professores e pesquisadores neste campo de estudo.

Em suma, a origem da História Pública teve desconstrução da noção da ciência apenas nas academias, para uma construção da História para uma público não acadêmico, porém com o mesmo compromisso e seriedade de uma ciência. Espera-se, desta forma, muitos estudos sobre a História Pública no século XXI, que comunique com uma sociedade que está em constante movimento. Felizmente, a História nos possibilita ferramentas para a leitura e releitura do mundo e suas transformações.

## 2.1 Conceito de História Pública no Brasil

Pode-se dizer que o conceito é um desafio da história pública para a divulgação do conhecimento histórico ainda pouco explorado. Infelizmente, a falta de uma capacitação para identificar, selecionar e aplicar o conhecimento proporcionado pela história pública provoca bloqueio por falta de clareza. Neste contexto, para Telles (2016), as diversas dificuldades devem ser combustíveis para a busca do saber num diálogo entre o presente e o passado histórico.

Como bem nos assegura Ferreira (2018), o conceito de História Pública no Brasil tem a função de comunicar dentro e fora da escola, através da construção, reflexão e diálogo entre o conhecimento acadêmico e não acadêmico, promovendo a participação da comunidade no ensino de história. O autor deixa claro, que o conceito no Brasil é recente, mas com a missão gigantesca de estabelecer um elo entre várias áreas do conhecimento acadêmico, comunicando com o conhecimento popular, a partir da interdisciplinaridade, e alcançando um público cada vez maior.

É interessante afirmar que diante da dificuldade que o ensino de história tem de se comunicar dentro e fora do espaço escolar é necessário construir caminhos, acadêmica com a

comunidade e o ensino de História, mas há um fato que se sobrepõe a História Pública. Ela propõem conforme explicado acima, uma reflexão sobre a atualidade, com os saberes conceituais, didáticos, teóricos, metodológicos e outros saberes não dominado pela história, como por exemplo a tecnologia da informação e comunicação que não faz parte da rotina e nem da formação da maioria dos professores. Mesmo assim, não parece haver razão para se ter maiores preocupações. É sinal de que há, enfim, uma oportunidade para aprender e depois ensinar entendendo que o saber é infinito, pois todos os dias se aprende algo novo sobre outro ponto de vista, pois esse é o papel da ciência.

Fagundes (2006) ressalta que a escola é um local de comunicar e expandir o conhecimento para formação histórica do cidadão crítico e consciente, pois é uma instituição escolarizadora do indivíduo para o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e sociais. Para Ferreira (2018), a História Pública é esta ligação entre o professor que transporta o conceito da academia para a escola, e desta constrói uma consciência histórica no indivíduo, e dele na sociedade, numa via interdisciplinar entre teoria e a prática. Conforme mencionado pelo autor, percebe-se que Fagundes mostra para que serve o conceito de História Pública para entender a história na qual a escola está inserida, formando o cidadão. Portanto existem posições bem definidas no Ensino de História, que "(...) pressupõe o entendimento de aspectos relacionados com o conhecimento específico da área de história, mas também com o conhecimento referente as outras áreas"(FAGUNDES, 2006, p.166). De acordo com Fagundes (2018, p.21):

No Brasil, as práticas escolares e educativas têm sido, provavelmente, o lócus de discussão mais disputado com o fim de caracterizar a História Pública. Entendida também na perspectiva dos públicos da História – estendendo a história conhecimento para além da academia – o público escolar é, certamente, o maior consumidor de História, e faz bastante sentido se dizer que o professor na escola é um historiador público.

Conforme citado acima, o autor deixa claro que o ensino de história pública ultrapassa as fronteiras da academia de encontro com público escolar, interpretando o mundo no qual a escola está inserida. Neste contexto, para Fagundes (2018), é preciso, porém, ir além seria um erro, porém, atribuir um ensino apenas dentro do espaço escolar e esquecer que pode se aprender história pública através do grande público, da tecnologia da informação e comunicação, de outros profissionais que não estão inseridos na educação além da mídia em geral.



noção de pública traz a ideia de dividir compartilhando algo com outrem. Conforme citado acima a única forma conhecida de resolver esse problema num mundo cada vez mais egoísta é através do discurso e da conscientização, através do diálogo será possível de forma metodológica e crítica ter condições de compreender a sua utilidade desta ciência no século XXI.

Sendo assim, é indiscutível a priori, a compreensão do conceito de História Pública para o Brasil. Podemos perceber que esse quadro remete a uma atitude de agente transformador para uma sociedade mais justa e democrática. Não é exagero afirmar que esse tema há de incomodar quem está acomodado ou "dormindo" diante de um mundo em movimento.

## 2.2 A História Pública e a sua Relevância Dentro e Fora do Espaço Escolar

A História Pública, e a sua relevância dentro e fora do espaço escolar, está no aproveitamento dos recursos fora das quatro paredes e dos limites do livro didático, para uma história disponível na região, seja pela cultura, política ou economia, também pelo testemunho ocular, pelo museu, pelas artes (música, costume, religião etc.), enfim da escola para um mundo sem fronteiras acessível no campo virtual. Conforme verificado por Scheffler (2016), a escola pode ser uma facilitadora no aprendizado do discente. Trata-se inegavelmente de aproveitar da tecnologia para o ensino, caso contrário os resultados serão retrógrados em comparação ao cenário tecnológico. Sob essa ótica, ganha particular relevância mostrar os caminhos seguros para um aprendizado eficiente, ampliando o conhecimento no ensino de história.

Como bem nos assegura Bueno (2018), pode-se dizer que a história pública fará uma ligação para um conhecimento satisfatório entre os recursos didáticos e a tecnologia. Neste contexto, fica claro que o aluno deve associar, comparar e refletir os acontecimentos levando em consideração o tempo e o espaço estabelecido.

Assim sendo, conforme explicado acima, a história pública se propõem em construir proposições entre o saber científico e o saber da comunidade dentro e fora do espaço escolar. Trata-se de diálogos, reflexões em favor do ensino de história, seria um erro, porém, atribuir o uso das tecnologias auxiliando as leituras historiográficas. Assim, reveste-se de particular importância neste processo a clareza no ensino de história o aluno entender nos períodos o tempo e o espaço. A partir dessa ótica, ganha particular relevância da história pública trabalhar os conceitos de cada período. Neste contexto, para Bueno (2018) fica claro que a

tecnologia e os conceitos do tempo e espaço caminham juntos para o alvo do ensino de história. O mais preocupante, contudo, é constatar que os alunos sabem mais como manusear uma tecnologia do que os educadores. Neste sentido a capacitação continuada de como usar a tecnologia será bem oportuno.

Conforme verificado Silva (2009), afirma que os conceitos podem passar sem serem trabalhados por achar irrelevante. O autor deixa claro, que trata-se inegavelmente para se comunicar no Ensino de História ter o domínio dos conceitos sejam históricos, sociológicos ou tecnológicos. Nesse sentido seria um erro, porém, não atribuir a característica dos alunos desta década totalmente conectado com o mundo. Assim, reveste-se de particular importância esta observação e utilizá-la a serviço da história. Sob essa ótica, ganha particular relevância um professor conectado com o conteúdo e o seu público alvo.

O autor deixa claro que Silva, destaca a importância de dominar os conceitos no ensino de História, pois eles são relevante para aprendizagem. Nesse contexto, está evidente que Bueno, defende a importância da História Pública ligando o recurso didático com a tecnologia da informação e comunicação considerando o tempo e o espaço, em estudo. Na afirmação de Scheffler, relata a complexidade do cotidiano de uma escola mas, destaca que a tendência das próximas décadas, é o uso da tecnologia no ensino aprendido para que os resultados dentro de uma conjuntura tradicional não tenha resultados obsoletos. Conforme mencionado por Bueno (2018), estabelecer um diálogo entre o aluno e o ensino de História é imprescindível para o aprendizado eficiente, "(...) fazer o aluno se localizar no tempo e no espaço, e que ele compreenda o momento da História de um determinado período estudado" (BUENO, 2018, p. 10).

Ora, em tese, conforme explicado acima, a História Pública e a sua relevância dentro e fora do espaço escolar ocorre, por exemplo, a partir de uma comunicação entre professor e aluno com recursos didáticos, com a definição de tempo e espaço e seus conceitos caminhando lado a lado com a informatização, e fora da escola terá condições de fazer uma leitura interdisciplinar conceitual da sociedade, bem como a forma de se organizar historicamente. Torna-se importante considerar que a História Pública, no exercício da sua função em se comunicar dentro e fora do espaço escolar, será impossível os alunos não se interessarem pelo ensino de História (FAGUNDES, 2018). Julgo pertinente trazer à baila que o professor como um pesquisador, é também um historiador público e lida com a História Pública de modo a ver na escola locus de público que não são só escolares, mas imersos numa cultura de história variada e apresentada de diversos modos não admitindo um ensino

“decoreba” e heróis criados como veículo de manipulação que explorou a fraqueza de um povo.

De acordo com Penna e Silva (2016, p. 202):

[..] a educação possui como uma de suas finalidades principais introduzir as novas gerações em um mundo que já existia antes do seu nascimento, os jovens já começaram o seu ingresso neste mundo. Eles são recém-chegados e forasteiros em um mundo que não foi feito por eles, mas pelo qual devem assumir a responsabilidade, tanto pela continuidade de sua existência quanto por sua transformação (caso deseje que ele venha a ser diferente do que ele é). O professor do Ensino Médio deve introduzir os alunos neste mundo público e fazer com que eles compartilhem a responsabilidade por sua continuidade e transformação [...].

Parece evidente que há desafios da história pública e do ensino de história de se comunicar com geração tecnológica, mas não impossível. O autor deixa claro que a era digital da atualidade, trata-se de reaprender para ensinar história, essa questão é obviamente necessária, pois o mundo se transforma muito rapidamente, e a adaptação a estas mudanças é mais lenta, mas neste caso, o que estaria acontecendo na verdade é uma transição no ensino aprendizado de história convencional para uma era tecnológica.

Por fim, podemos concluir que recursos tecnológicos chegaram para escrever uma época de muitas expectativas para a educação. Logo, é indiscutível aderir a esses conhecimentos para comunicar uma história contextualizada para um público que aprender a selecionar, compartilhar e deletar informações, no trabalho, nas horas de lazer e entretenimento. Neste sentido, é possível aplicar os conhecimentos teóricos, didáticos e metodológicos da sala de aula, para um ambiente virtual.

### **3. A História Pública e o Estudo do Homem no Tempo e a Crise do Projeto Denominado Progresso.**

O processo histórico marcou a análise da história pública na história do tempo presente em que se criou uma expectativa da ordem e de um progresso em ascensão, até ocorrer sua destruição, trauma, frustração e miséria, pobreza e tristeza que as guerras mundiais causaram para a humanidade. Assim, durante a guerra a busca desenfreada de expansão comercial e territorial, abalou os acordos e contratos preestabelecido da ética e seus adjuntos que mantinha aliança com a crença e os valores tradicionais na fé a partir da razão e da ordem e progresso, ambas ruíram e foram desacreditada. Sob essa ótica, observa-se o declínio da noção de progresso.

Daí passou-se a questionar, que progresso é esse que destrói a vida de milhares de pessoas. Houve um impacto no tempo e no significado do conceito do progresso que esperava produzir um futuro promissor, logo a frustração atingiu grande proporção na vida comportamental. Deu-se início a um debate sobre a crise do tempo, que na França ficou conhecido como Presentismo. Segundo Hartog (2013, p.11) "o Presentismo, o presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo", pois no período de pós guerra passou-se a questionar, que progresso é esse que destruiu a vida de milhares de pessoas, manchou o futuro, criando-se uma ruptura com o passado, uma desconfiança do futuro e permanecendo apenas o presente, o agora.

Como bem nos asseguram Hartog (2013) e Reis (2005), fica claro que, partindo do declínio da noção de progresso, deu origem a subjetividade da verdade histórica, que após uma exaustiva e minuciosa análise da verdade, chega-se a reunir todas as interpretações do passado e do presente, que levarão próximo da verdade histórica. Saem de cena um tempo de regras éticas e morais e entra em cena o presentismo e seu regime de historicidade (que filosófica a verdade dada não como a única verdade) formulando a hipótese de um presente único que valoriza o imediatismo - que é um presente não messiânico, mas com ameaças e catástrofes formando a história do tempo presente. Contudo, é notório constatar que essas transformações tidos como parâmetros base de uma sociedade no século passado e continuam ocorrendo.

Como bem nos assegura Beck, Giddens e Lash (1997), a sociedade pós-tradicional se opõem a tradição por definição, nesse contexto fica claro que a modernidade reconstruiu a tradição sólida enquanto tornava-a líquida de um iluminismo radicalizador. Contudo, a

tradição fortaleceu a família e a identidade social, e não é exagero afirmar que esses conceitos são aspectos gerais, por conta de sua complexidade. Em todo esse processo pode-se dizer de forma resumida que a mudança de valor ético e moral também influenciaram a transformação, ou seja, a liberdade sem precedentes rompe com limite pela tradição outrora intocável, e os riscos foram assumindo seu espaço na história não havendo limites logo foi questão de tempo duvidar e a desconfiar da verdade. O sistema comercial dinamizou o comportamento humano, que se utilizou da tecnologia, logo encurtou distancia de quem estava longe mas enfraqueceu os relacionamentos de quem está perto. Enquanto deu comodidade, agilidade, conforto, isso não trouxe a certeza, senão mais a incerteza e a insegurança do futuro.

Para Hartog (2013), o tempo histórico desmorona. Trata-se inegavelmente da ditadura e origens nazifascista na Europa e Ásia. Seria um erro, porém, não atribuir as ambições capitalistas na América do Norte e o Socialismo numa corrida por espaço territorial e comercial garantindo sua prosperidade. Durante a guerra, a busca desenfreada de expansão comercial e territorial abalou os acordos e contratos preestabelecido da ética e seus adjuntos que mantinham aliança com a crença, os valores estabilizadores na fé a partir da razão, da ordem e progresso, ruíram e foram desacreditados. Desta forma, podemos evidenciar o declínio da noção de progresso.

Segundo Bauman (2001), foram três décadas gloriosas de um resplendor do século XX, marcado por riqueza, segurança econômica, no próspero ocidente trata-se inegavelmente do auge da modernidade: uma sensação de liberdade e poder. Entretanto, vale lembrar que entre os estadistas, a glória da libertação não incluía a massa popular e nem a unidade entre os países e sim alguns privilegiados que não estavam dispostos à libertação da sociedade, mas em síntese defendiam seus próprios interesses. Sob essa ótica, a liberdade buscada é a felicidade e a busca pelo prazer, sem se prender a regras e normas de contratos e acordos de um período tradicional que caminhava com a ideia do progresso e os relacionamentos se constrói rapidamente e se desfaz na mesma proporção, a análise sistemática foi substituída pela superficialidade (BAUMAN, 2001).

O interessante é que a origem desse quadro vem do Iluminismo, ou século das luzes, onde estabeleceu a razão como o ponto de partida e chegada de um período antropocêntrico; mas não restam dúvidas de que durante décadas não se esperava o fim deste projeto até esta data, o que resultou hoje, em subjetividade da razão e da verdade (REIS 2005). Mesmo assim, não parece haver razão para apontar que, apesar da liberdade e poder ligada ao progresso, a

realidade explicita um quadro bem distinto do esperado, pois a riqueza gloriosa não trouxe paz e o conforto não acalmou o coração antes trouxe ansiedade. Conforme exposto, é sinal de que há, enfim, mudança no comportamento da ciência e da sociedade, dessa forma percebe-se a reconstrução de uma teoria que não traga consigo decepção e frustração com o passado e o futuro, portanto vive-se o agora.

O livro de Beck, Giddens e Lash é bastante revelador, pois especifica uma sociedade cercada por conforto e tecnologia. A posição de Zygmunt e Bauman é mais prática, pontua toda a gênese do processo do pensamento moderno. Enquanto Beck, Giddens e Lash relatam a complexidade de uma modernidade radicalizada até ao seu caráter reflexivo (Beck) e uma mudança brusca da sociedade, Bauman resume uma sociedade superficial de soluções instantâneas sem profundidade e nem solidez já Giddens, embora seja uma modernidade reflexiva mais bombardeada pelo stress e insegurança crescente e ambos tratam de mudanças dos hábitos, costumes e relacionamentos em múltiplas áreas. A sociedade se arrisca mais em busca de respostas e o sistema explora todas as fraquezas humanas e sociais proporcionando uma falsa segurança.

Segundo Bauman (2001), descreve o progresso glorioso de riqueza e desenvolvimento dentro do projeto arquitetado pela razão antropocêntrica, confrontado pelo resultado colhido na duas Guerras Mundiais que foram o pivô da descrença e frustração do passado, e que produziram a incerteza e insegurança do futuro. Nesse contexto, o livro de Hartog deu origem a subjetividade e uma busca exaustiva e minuciosa de algo próximo da verdade. O mais interessante, é constatar que saem de cena um tempo de regras éticas e morais e entra em cena o Presentismo e seu regime de historicidade (filosoficamente a verdade dada não como a única verdade) formulando a hipótese de um presente único que valoriza o imediato - que é um presente não messiânico, mas com ameaças e catástrofes formando a história do tempo presente. Conforme mencionado pelo autor, é importante a retomada de um presente único e eterno, "diretamente ligada à nossa incapacidade coletiva de escapar ao que agora é usual chamar na França, de court-termisme, ou seja, a busca do ganho imediato" (HARTOG, 2013, p. 11).

Na ilustração abaixo por exemplo, há ideia do presente único, ou Presentismo, que proporcionou uma classificação distinta entre passado, presente e futuro. Neste sentido Júnia Bretas, é feliz em sintetizar a ideia do presente único.



**Figura 3 - Presente Único**  
**Fonte: (PLÁ, 2012, p. on-line)**

Podemos perceber na ilustração acima que o passado e o futuro têm uma conotação negativa, como por exemplo: o acúmulo de memória do passado pode aprisionar e levar a uma depressão, já o acúmulo de futuro leva a ansiedade. Assim, para a autora, o presente é preponderante. Entretanto, é preciso considerar que a crise do tempo acontece apenas entre os seres humanos e no campo da memória (pensamento).

De acordo com Hartog (2013, p. 22):

O tempo histórico parecia então suspenso. Por outro lado, seu estudo pioneiro sobre as origens do totalitarismo a havia levado a concluir que a estrutura íntima da cultura ocidental, com suas crenças, havia desmoronado sobre nossas cabeças, em particular o conceito moderno de história, fundado a noção de processo.

Segundo o autor, o tempo registrou mudanças comportamentais e as influências nas fraquezas humanas. Hartog, expõem que não se imaginava as ações do totalitarismo do século XX que provocaram rachaduras no tempo do progresso proposto no passado para um brilhante futuro, isto foi decisivo para a desorientação do tempo histórico. Conforme citado acima, durante o pós guerra a corrida da modernização do leste com o oeste, o desarmamento nuclear e uma guerra fria não foram suficientes para amenizar a desconstrução do tempo apenas acentuaram as transformações.

De acordo com Beck (2003, p. 113, p.114 e p. 119):

Os riscos estão ligados às decisões humanas, quer dizer, ao processo civilizacional, à modernização progressiva. [...] E, stricto sensu, a tese central da sociedade do risco é a de que a progressiva radicalização dos processos de modernização, “tecnicização” e “economicização” gera consequências que erodem e põem em questão justamente esse programa institucionalizado de cálculo dos efeitos colaterais.

Aqui o conceito de risco é moderno e está ligado a decisões humanas parte do processo de modernização. Conforme Beck, esse é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto, uma vez que, arrisca-se mais no presente comprometendo a segurança e toda uma estrutura da sociedade, pois as decisões são tomadas sem muitas reflexões, da necessidades, da utilidade, que ao longo do tempo produziu incerteza, ansiedade e stress. A única forma conhecida de resolver esse problema é conscientização e reflexão da sociedade de um pensamento crítico, fazendo assim com que não caiam nessas armadilhas e acabem prejudicando pessoas inocentes.

Um debate entre os defensores e opositores no século XX, criados em torno da construção ou da destruição da memória expõe:

Os embates políticos do século XX foram, em grande parte, travados em torno da construção ou destruição da memória desses projetos. Mas memorável também é 1945, particularmente devido a questões não resolvidas de responsabilidade moral em relação às atrocidades cometidas durante a II Guerra. A relação entre história e memória, assim, tornou-se um problema para a historiografia de um modo que jamais o tinha sido anteriormente (MALERBA, 2011, p.38).

Percebe que Malerba (2011), o pós guerra a partir de 1945, gerou os embates políticos travados a respeito da construção ou destruição da memória do século XX. Neste contexto, fica claro que a questão ética e moral das atrocidades não resolvidas tornou-se um grande desafio a ser superado entre a história e a memória. Nessa época aconteceu um fato importante da ordem e do progresso “glorioso” que ficou conhecido como a crise do tempo histórico marcado pela ambição humana e destruição de milhares de pessoas.

Beck (2003) considera que assumir o risco, fruto das decisões humanas, se torna um marco na sociedade pós tradicional. Trata-se do processo civilizatório da sociedade pós tradicional, mas seria um erro, não atribuir tecnicização e economização como parte do processo que nem sempre tem o resultado esperado, uma liberdade sem regras, mas carregada de stress e incerteza conforme citado acima. Do pós guerra até a atualidade, muita coisa mudou no campo da ciência e da tecnologia, que refletiram no comportamento da sociedade.

Em Hartog houve um desmoronamento no que se entendia de progresso, uma crise no tempo histórico. Essa ideia é reforçada por Malerba, que destaca os empates historiográficos da história e memória e políticos em torno das questões não resolvidas sobre a responsabilidade das ações sem pudor praticadas durante a guerra. Assim, reveste-se de particular importância para Beck, por exemplo, um momento em que se corre mais o risco como parte do novo tempo marcado pela desconfiança e incerteza, gerando efeitos colaterais

marcado pelo desenvolvimento tecnológico. Como bem nos assegura Hartog (2013, p. 21-22) "é visível o repúdio a continuidade e o progresso em proveito das discontinuidades e ruptura, em 1950 introduziu o conceito de brecha entre o passado e o futuro no tempo histórico". Percebe-se um novo tempo para ciência e para a humanidade.

De acordo com Lucchesi e Carvalho (2016, p.160), devido à dificuldade da História Pública de se comunicar dentro e fora do espaço escolar, essa pesquisa se justifica através da aplicação do conhecimento histórico na identificação do seu público alvo pontuando sua característica, por exemplo, como, quando e porque pensa daquela forma, então a desempenhar um ensino de história com qualidade diante das demandas e desafios da atualidade. Conforme Café História criada para comunicar com o seu público desde 2008, numa plataforma Ning americana e gratuita:

O Café História pode ser entendido como uma experiência de História Pública – historiadores empregando meios externos à academia para se comunicar com o grande público – e também uma experiência no campo da História Digital – trata-se de uma rede social na internet empregando uma combinação de mídia digitais para promover a história.

Por fim, podemos dizer que aconteceu uma crise no tempo que interferiu no pensamento e no comportamento do indivíduo, como se deduz neste capítulo. Logo, é indiscutível notar uma mudança na sociedade do pós guerra até os nossos dias. Nesse sentido, é possível perceber um imediatismo numa forte crença no agora, como se o presente fosse eterno, logo, com o passar dos anos, é notório um conflito de gerações, fruto desse efeito dominó da crise do projeto denominado “Ordem e progresso”, que atingiu a concepção do tempo presente como soberano, que atingiu as gerações futuras.

### 3.1. A História Pública e o Desenvolvimento das Gerações e o que Elas Tem a Nos Ensinar

Como bem nos assegura Vilaça, Brito, et al., (2015), a tecnologia é um instrumento necessário para aqueles que a utilizam. Evidentemente trouxe o benefício da velocidade na informação e do conhecimento, mas é claro que nem tudo é bom e está pronto para ser aplicado antes de uma reflexão da sua importância para a história. A tecnologia tem mudado os costumes de gerações conforme já apresentado. Hoje a tecnologia está evoluindo constantemente conforme listado a seguir de Souza (2015):

- I. 1995 - 1º de maio - Primeira conexão no Brasil.
- II. 1997 - Google entra no ar.

- III. 2004 - Fevereiro - Nasce, nos Estados Unidos, o Facebook, para universitários.
- IV. 2004- Criação do Orkut, redes sociais no país, alcançou seu auge em 2008.
- V. 2005 - iniciou o YouTube.
- VI. 2008 - É lançado o Androide.
- VII. 2014 – Superado a marca de R\$ 90 milhões por CESAR em projetos de inovação.

*Fontes: Google, Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (CIn) e Arquivo Diário de Pernambuco*

Neste período de 1995 até 2014, mas o destaque está em 1997 a 2000 quando a internet acaba fazendo parte das vida do ser humano sinalizando duas gerações: Geração Y, (1990 a 2000), a Geração Z (2000 a 2010), na linha do tempo 2000 a 2009, temos nascimento da geração "Z", mergulhada pelo tempo tecnológico conforme figura abaixo:



## 10 tecnologias que mudaram a década

**Figura 4 - 10 Tecnologia**

Fonte: (HAMANN, 2010, p. on-line)

Como podemos observar na figura, no último ano do século XX, a Google alcança 1 bilhão de páginas indexadas em sua base de dados. O século XXI, deu adeus ao disco de vinil e fita cassete, com os IPODs com capacidade de 1250 músicas com visor preto e branco. Entre 2001 e 2002, nasce a banda larga, ou seja, uma conexão mais veloz e possível dentro de um local determinado, mas o auge da Banda Larga foi em 2008, abandonando a internet discada de baixa velocidade. E desta forma, a cada ano a tecnologia foi se superando. Em 2004 foi lançado o Wi-fi que não precisava de cabos para funcionar em todos os cômodos da casa. O pendrive foi outro salto para

guardar os arquivos os disquetes de drive B: e A: Assim houve o desenvolvimento das placas digitais usadas nos jogos virtuais, os super LCD com altíssima qualidade de imagem e som e o GPS foram algumas das descobertas que impactaram as gerações na primeira década do século XXI (HAMANN, 2010).

A Geração Z tem em seus pais os responsáveis pelo cuidado, distantes, ou pela necessidade do sustento, pela sobrevivência ou pelo espaço geográfico causado por rompimento do relacionamentos. Existe casos que uso de celulares com os seus aplicativos tem influenciando o relacionamento dentro do lar (SALEH, 2014). As gerações Z e Alfa cresceram com a mobilidade proporcionada pelo micro-ondas, celular, TV a Cabo com controles remotos e jogos com um amplo ambiente virtual. E tudo isto proporcionou um ambiente propício para a ansiedade, pois tudo está ao seu dispor sem sacrifício (ANDRADE, 2018).

Abaixo o CPDEC (Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada), apresenta as diferentes características das gerações, bem presente em conflitos de gerações entre professores e alunos, e visível em outros seguimentos da sociedade.



### Características das diferentes gerações

Veteranos (1930-1945)	Baby Boomers (1946-1964)	Geração X (1965-1976)	Geração Y (1977-1990)	Geração W (1991-2003)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Assistiram os pais lutarem pela sobrevivência</li> <li>São conservadores e cuidados com o dinheiro</li> <li>Valorizam segurança e estabilidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Representam grupo experiente</li> <li>Iniciaram a carreira com máquinas de escrever, sem computadores ou celulares</li> <li>Passaram por momentos difíceis da economia mundial</li> <li>Valorizam trabalho árduo e carreira sólida</li> <li>Focam no resultado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>São fortes candidatos a posições de liderança</li> <li>Iniciaram a carreira juntamente com os avanços da tecnologia</li> <li>Divertiam-se com os primeiros videogames</li> <li>Valorizam o empreendedorismo</li> <li>Focam no equilíbrio entre vida pessoal e profissional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Buscam posições de liderança</li> <li>Cresceram com a tecnologia</li> <li>Possuem mentalidade global</li> <li>Aceitam mais facilmente as diferenças</li> <li>Viveram bons momentos da economia mundial</li> <li>São questionadores, ansiosos e imediatistas</li> <li>Não se prendem à empresa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Representam o grupo mais jovem nas organizações</li> <li>São totalmente tecnológicos (nativos digitais)</li> <li>Têm pais protetores</li> <li>Valorizam o engajamento em ações sociais</li> <li>Entediam-se facilmente</li> <li>Estão sempre em busca de algo melhor</li> </ul>

CPDEC (Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada)  
www.cpdec.com.br

Figura 5 - Diferentes gerações

Fonte: (LEITE, 2018, p. on-line)

Percebe-se que, entre os autores não existe um consenso entre datas exatas, quando inicia uma geração e começa outra, mas vale ressaltar que entre a pesquisa acima e os autores citados neste capítulo, há uma coerência na característica de cada

geração e o que ela tem para nos ensinar bem como o que une uma geração com a anterior, é algo que identifica com a geração posterior.

Observação nesta pesquisa não foi detectada a geração Z, do ano de 2000 a 2010 e nem a geração Alfa do ano 2010 em diante (HORTA, 2015). Os Veteranos são testemunhas da luta pela sobrevivência durante a guerra e pós guerra. São conservadores e valorizam a segurança e a estabilidade. Os Baby Boomers são experientes naquilo que fazem. Sua geração foi marcada pela máquina de escrever. Valorizam o trabalho e tem como característica em ficar muito tempo em um único serviço focando nos resultados.

Os integrantes da Geração X, são líderes natos, e alguns divertiam-se com os primeiros vídeo games, são empreendedores e focalizam no equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. A geração Y, tem como característica a busca por posição de liderança, cresceram vendo a influência da tecnologia. São questionadores e ansiosos e imediatista (efeito da tecnologia). Não se prende a nenhum lugar ou circunstância. Os membros da Geração W, são jovens, tecnológicos, cujos pais são protetores, eles se entendiam com facilidade e busca sempre algo melhor.

### 3.2. Evoluções das Tecnologias e das Gerações nos Relacionamentos Interpessoais

O desenvolvimento das gerações no relacionamento interpessoal é um assunto importante para o fortalecimento e desenvolvimento de um grupo. As gerações se desenvolveram e tornaram complexos os relacionamentos seja no trabalho, escola ou na família, logo se faz necessário entender as complexidades existentes em nossa sociedade. Segundo Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013) a última geração de pais e educadores viram as gerações interpessoais sem os computadores cujo o aprendizado na cultura era riquíssimo sem auxílio de máquinas e softwares. O mal uso da tecnologia pode proporcionar dependência e alguns casos consequências polêmicas e conflitantes no indivíduo.

Como bem nos assegura Manning (2000), pode-se dizer que o conflito das relações interpessoais começa no lar. Neste contexto, fica claro que os pais são responsáveis para orientar e preparar a criança ou jovem para a vida adulta. Porém, a ausência, negligência ou excesso de autoridade, pode levar a bloqueios comportamentais na sociedade. Cada criança ou jovem precisa de uma referência que

será modelo para a vida adulta e eles podem copiar os pontos positivos ou negativos dos pais.

Conforme explicado acima é interessante, verificar que o lar é o espaço onde o indivíduo recebe a base educacional para a vida, mas a socialização pode proporcionar formação ou traumas, segundo Durkheim (1999). A educação é propriedade da família e não da escola. Portanto, é a escola que recebe a consequência da ausência da educação no lar.

Osório e Valle (2009) afirmam que não foi a tecnologia que mudou os padrões da família brasileira, mas a própria família decidiu pelas mudanças. O autor deixa claro, que trata-se de negociação: os pais se ausentam do lar para dar conforto e aquilo que eles não tiveram para os seus filhos, substituindo a presença com presentes e conforto, porém coisas não substituem afeto e o diálogo, responsáveis por manutenção e organização da família em todas as esferas, sejam pais e filhos, conjugal, parental e intergeracional. Assim, com estas duas atitudes reveste-se de particular importância: a família como uma equipe na prática da mutualidade formando indivíduo para a vida social.

O autor deixa claro no livro de Manning que é no lar que se aprende ou não, sobre relacionamento interpessoal entre pais e filhos. Nesse contexto, o livro de Osório e Valle (2009) considera que a família urbana decidiu mudar substituindo presença por presentes. O mais preocupante, contudo, é constatar o que Osório e Valle relata com clareza: afeto e diálogo são indispensáveis para qualquer família em qualquer época e em todo ciclo da vida. Conforme mencionado pelo autor, "[...] o afeto como base de constituição/reconstituição dos arranjos familiares e o diálogo como qualidade mais desejável para manutenção/ reorganização das relações familiares" (OSÓRIO e VALLE, 2009, p. 33), saber quanto custou o valor das coisas, com dedicação e trabalho é melhor para a formação do indivíduo.

Ora, em tese, em relação a gestão da inteligência artificial ou tecnológica pode-se dizer que houve uma evolução, mas esta não substitui o afeto e o diálogo no seio de uma família. É importante considerar que as gerações tem sua característica dentro do seu tempo e espaço importante para sua época (Bloch). Ninguém nasce sabendo a se relacionar bem com uma ou mais pessoas se não tiver um modelo dentro de casa a ser seguido, logo se faz necessário fazer uma reflexão no tipo de indivíduo que estamos formando para a sociedade. Conforme explicado acima, pouco adiantará conquistar se

não ter com quem compartilhar, é melhor perder o dinheiro do que a família. As carências dos relacionamentos interpessoais, por exemplo, se resolve com presença, afeto e diálogo conforme escrito acima. Precisamos avançar, sonhar e ter uma descendência para contar sua história. A negociação e redefinição dos papéis se faz necessária neste tempo dentro dos lares, assumindo a responsabilidade e não deixando, por exemplo, para a escola, estado ou a polícia fazer o papel do pai e da mãe. É interessante ter consciência de si mesmo e do outro na interação e prática da mutualidade (OSORIO e VALLE, 2009).

De acordo com Brasil (2012, online):

Institui o Código Civil - Subtítulo II - Das Relações de Parentesco - Art. 1.634. Compete a ambos os pais, qualquer que seja a sua situação conjugal, o pleno exercício do poder familiar, que consiste em, quanto aos filhos: Inciso IX - exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição. (Incluído pela Lei nº 13.058, de 2014)

O autor deixa claro na citação acima do Código Civil, que os pais ensinem a seus filhos a cumprir as ordens, a respeitar os familiares, e realizar serviço dentro da sua capacidade dentro do lar. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto, uma vez que, a criança que tem uma educação e presença dos pais, pode respeitar uma pessoa, pois aprendeu esta lição na sua infância. Conforme citado acima a única forma conhecida de resolver o problema interpessoal é começar pelo lar ajudando nos serviços domésticos.

Sendo assim, habitualmente, os pais são responsáveis pelo comportamento dos filhos, bem como da sua formação social. Considerando que as lições não sejam realizadas no lar, o professor, ou o delegado irão ver a consequência de uma família ausente na formação do filho.

Desta forma, a evolução das gerações interpessoais ficarão comprometidas, e impossível de se dialogar pois lhe faltará as bases na formação do indivíduo. Agora um filho educado poderá ser um bom aluno, e um cidadão consciente dos seus direitos e deveres na sociedade.

### 3.3. A História do EAD (Ensino a Distância) Uma Aliada ou Uma Vilã no Ensino Aprendizado

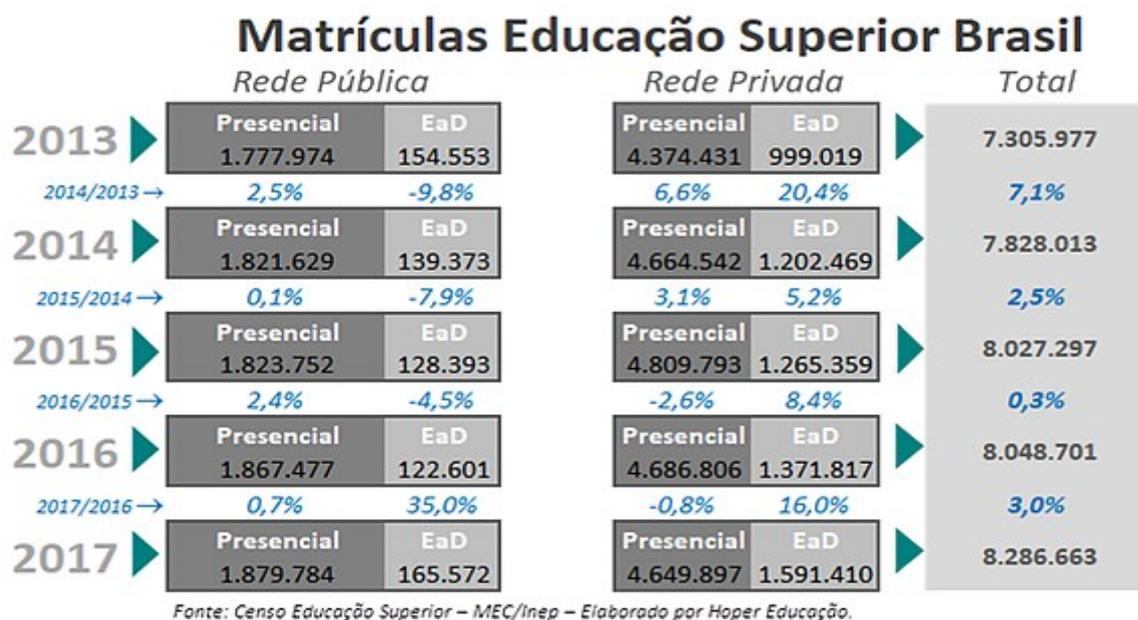
A história da Tecnologia faz parte do ensino aprendizado dos nativos digitais que nasceram numa era de múltiplas opções, totalmente informatizado em relação aos

irmãos, pais e avós, de uma trajetória agradável ainda na primeira infância. A internet mudou o comportamento social, nela se tem opção, para lazer, e pode -se dizer que ela já é responsável por socializar criança por todo o Brasil e o mundo globalizado, o que é positivo se houver orientação de um mentor, caso contrário pode causar traumas e dificuldades sociais. No período da guerra fria, nasceu a informática entre os militares e a partir daí o mundo foi influenciado pela informatização.

Em 1995, ocorre um marco na história, mudando o comportamento dos brasileiros. Mas foi se superando muito rápido ganhando velocidade, forma e tamanhos invadindo, empresas, negócios, economia, comércio escolas e universidades, até chegar nos lares dos brasileiros através dos aparelhos dos celulares. Como bem nos assegura Strey e Kapitansk (2011), pode-se dizer que a internet é uma excelente ferramenta para o professores que sempre querem aprender mais para ensinar melhor.

Então a partir da internet em 1995, foi possível avançar no EAD com sala virtuais, que permite estudar além das quatro paredes em casa ou em qualquer outro lugar. O EAD será uma vilã ou aliada na educação? Vai depender da análise, pois o ambiente virtual, nas últimas décadas tem revelado uma aliada para ensino, com sites confiáveis como café com história, documentários, artigos, e livros e uma infinidades vídeos voltados para a educação. Segundo Junqueira (2018), o Ambiente Virtual de Aprendizagem AVA, será uma tendência para os próximos anos, porém só ela não é eficiente, mas deve estar adaptada ao século XXI e suas demandas.

Como bem nos assegura Sousa (2016), o Educação a Distância é modalidade que vem crescendo nos últimos anos no Brasil e tem a função de diminuir a desigualdade regionais e o acesso à educação superior. De acordo com Hoper Educação (Consultoria Educacional), em 2013 as Matrículas Educação Superior no Brasil, as redes Pública e Privadas somaram 1.153.572 alunos matriculado em EAD (Ensino a Distância), e este número cresceu todos os anos subsequentes atingindo em 2017, 1.756.982, conforme ilustração abaixo:



**Figura 6 - Estatísticas das Matrículas do Ensino a Distância**  
 Fonte: (SCHUELTER e PRESSE, 2018, p. on-line)

Podemos perceber na ilustração acima um grande número de matriculados em EAD, de 2013 até 2017. De fato, este crescimento influenciou toda uma nova geração super conectada. Desta forma entende-se que a sala virtual chegou com uma nova metodologia, que exige disciplina, estrutura e muita força de vontade para aproveitar o tempo, os demais dados foram desconsiderados pois a análise se deteve em análise de 2013 a 2017, do EAD da Rede Pública e Privada.

De acordo com Marques (2011), ensino a distância passou a ser visto com uma alternativa, seja pela falta de tempo naquele horário, ou para sair do trânsito das grandes cidades. No Brasil isto se confundiu com a evolução dos aparelhos de celulares, que se tornou a forma mais prática de acessar a internet. Alguns eventos marcaram bem a AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem):

- I. Na década de 1990 - incentivo ao Ensino a Distância, através da LDB (Leis de Diretrizes de Base) da educação.
- II. Em 2000 - criado o Portal Educacional com conteúdo para educação infantil, ensino fundamental e médio.
- III. Em 2003 - com base no senso escolar, de instituições públicas e privadas entre jovens de 15 anos, nos 31 países membro da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) junto com o programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), constatou que os alunos que se utilizam de internet tem um melhor desempenho.

Neste período o Ensino a Distância, entre 1990 e 2003, demonstrou um avanço para o ensino aprendizado. Mas há muitos debates entorno do EAD, se é vilão ou aliado para o ensino aprendizado.

Portanto, torna-se evidente que sem diretriz clara do EAD e a disciplina dos alunos torna-se inviável as salas virtuais. Vê-se, pois, que o celular tornou-se uma ferramenta importante para a pesquisa. Logo, é indiscutível o fato que existam os lados positivos e negativos de cada um, porém se usado da maneira correta, muito o ensino tem a ganhar.

#### 3.4. A História Pública e sua função de comunicar com as Gerações “Z” e “Alfa” dentro e fora da escola.

A História Pública está diante de um dos mais árduos desafios que é a comunicação com os nativos digitais conhecidos como gerações Z e Alfa, pois exigem mudança de paradigmas principalmente dos imigrantes digitais, ou seja, gerações que não nasceram na era digital. Martins, Fraga e Lawal (2018) afirmam que a comunicação é possível através do ensino híbrido, que utiliza a rede de computadores e os conectados para aprendizado consciente. As gerações da atualidade estão conectadas sempre e logo o educador utiliza esta característica para o ensino. Essa experiência impacta o ensino aprendizado, pois há uma mudança de paradigma no ambiente que os nativos digitais são experientes, que é o ambiente virtual.

Do ponto de vista de Bacich, Neto e Trevisani (2015), pode se dizer que Ensino Híbrido é uma metodologia que se utiliza da tecnologia, permitindo ao aluno aprender no seu ritmo e de acordo com os seus conhecimentos prévios. O estudante passa a buscar ora em resposta as dúvidas, ora avançando no aprendizado tão necessário, quanto urgente para uma educação que transforma e não apenas informa. Haja vista que vive-se momentos de descobertas e avanços através da inteligência artificial, e há inúmeras possibilidades de criar, produzir e não apenas repetir um conhecimento. Neste contexto, fica claro que o aluno busca o seu próprio conhecimento quebrando um velho paradigma da educação.

A melhor maneira de compreender esse processo que aproveita os recursos tecnológicos defendido por Bachich, Neto e Trevisani, é considerar que as diretrizes usadas no século passado, para educação precisa ser reavaliada. Conforme explicado acima, não se trata de ativez, seja porque antes da informatização já se via a necessidade de mudança, seja porque a

informação está disponível a qualquer pessoa, em qualquer lugar. Julgo pertinente trazer à tona que para o ensino de história alcançar o seu propósito junto da geração tecnológica, se faz necessário o uso da tecnologia junto com a teoria, didática, metodologia da história na era digital.

Conforme verificado por Menegassi, Bortolozzi, et al., (2017), no ensino híbrido há uma classificação conhecida por modelos de rotação por estação, laboratório rotacional e sala invertida. Nas salas invertidas os estudantes, tem acesso ao conteúdo via ambiente virtual, seja por meio vídeo, ou texto com uma hipótese para pesquisa. Na sala essa hipótese será debatida entre os alunos e professor construindo pequenos projetos com possíveis soluções. No laboratório rotacional, presencial estudantes saem para laboratório onde buscar a melhor forma de aplicar o conhecimento. Já o modelo por rotação por estação, dentro da sala de aula as estações são etapas definidas pelo professor a ser cumprida com atividades, e uma delas utilizando o ambiente virtual. O autor deixa claro, que trata-se inegavelmente de aproveitar os conceitos, princípios da disciplina com auxílio da tecnologia desafiando o discente a criar novas ideias que serão aplicadas no aprendizado, seria um erro, porém, não atribuir os méritos ao professor que será um articulador importante para que o aluno seja o protagonista do seu aprendizado.

Segundo Bacich, Neto e Trevisani, enfatiza que, a proposta do novo estilo de ensino se refugia no advento tecnológico desafiando ao discente criar possibilidades ou possíveis soluções para os problemas encontrados. Nesse contexto, fica claro que Menegassi, Bortolozzi, et al., é feliz quando diz como isso se procederá com um planejamento do professor e através dos vários Modelos de Rotação do ensino, pela Sala Invertida, Rotação por Estação ou Laboratório Rotacional. É interessante notar que ambos os autores se completam tanto na definição teórica quanto na prática dos modelos de rotação. Conforme mencionado pelo autores: "[...] os estudantes revezam as atividades realizadas de acordo com um horário fixo ou orientação do professor [...], atividades escritas, leituras e, necessariamente, uma atividade on-line" (BACICH, NETO e TREVISANI, 2015, p. 43). Aulas dinâmicas tendo os estudantes a frente do seu aprendizado.

De acordo com Lorenzoni, na plataforma de pesquisa (InfoGeekie), em agosto de 2016, o Ensino Híbrido, combina ferramentas pré-selecionadas no ambiente virtual com outras ferramentas para um melhor aprendizado, conforme mostra a ilustração abaixo:

O Que Quer dizer – Ensino Híbrido?



Figura 7 – O que quer dizer - Ensino Híbrido  
Fonte: (LORENZONI, 2016, p. on-line)

Podemos perceber na ilustração acima o professor conduzindo o estudante para o protagonismo do seu conhecimento, pois cada discente é desafiado a descobrir, e produzir conhecimento, de forma individual, coletivo ou com a mentoria do professor. Conforme explicado acima, de fato essa é uma tendência para alcançar os nativos digitais. Desta forma o estudante aprenderá pesquisando e formando novos conceitos fruto deste trabalho.

De acordo com Schmitz (2016), a junção do modelo de sala de aula invertido com a metodologia ativa onde o estudante busca seu conhecimento de forma ativa, e não apenas um receptor passivo da informação, conforme mostra a ilustração abaixo:



Figura 8 - Sala Invertida  
Fonte: (SCHMIT, 2016, p.67)

Podemos perceber na ilustração acima que o aprendizado começa em casa através do ambiente virtual. De fato, esse modelo traz, por exemplo, uma renovação, pois quando chegar

na sala de aula o discente já terá compreendido sobre o assunto ou despertado algumas dúvidas ou inquietações, isto antes da aula e durante a aula o estudante num ambiente flexível tem como debater e desenvolver pequenos projetos tendo o professor como orientador. Desta forma ambas as figuras ilustram bem os ambientes com uma metodologia ativa quando os estudantes protagonizam o próprio conhecimento.

De acordo com Martins, Fraga e Lawall (2018, p. 58):

O ensino híbrido é uma nova forma de aprender e ensinar, ou seja, promove mudanças na forma do professor ensinar e na forma do aluno aprender. Nos modelos sustentados, o ensino híbrido conserva características do ensino tradicional ao mesmo tempo que faz uso da personalização e das tecnologias digitais para melhorar a qualidade da educação.

O autor deixa claro na citação acima que o ensino híbrido traz nova forma do ensino-aprendizado. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto, uma vez que, as tecnologias digitais se apoiam nos benefícios das salas tradicionais. Conforme citado acima, a única forma conhecida de se comunicar neste tempo tecnológico, é através do ensino híbrido que poderá melhorar a qualidade da educação.

Por fim, podemos chegar à conclusão de que a gerações dos nativos digitais, ou seja, gerações Z e Alfa, serão surpreendidos no seu “passa tempo” a internet como instrumento de aprendizado do ensino de história. Logo, é indiscutível a comunicação da História Pública comunicando na linguagem que as últimas gerações conhecem muito bem. Nesse sentido, é possível dizer que a internet mais teoria, metodologia e didática de história poderá desafiar o indivíduo a ser consciente e crítico buscando soluções para os problemas sociais.

#### **4 Considerações Finais**

O desenvolvimento deste estudo possibilitou uma análise de como a História Pública, pode comunicar-se com os nativos digitais dentro e fora dos limites escolar, bem como o

ensino de história envolvente e motivador numa reflexão acerca dos benefícios dos recursos didáticos disponíveis, e as dificuldades encontradas em trabalhar esse conteúdo, numa geração conectada além disso, também permitiu analisar a história do ensino de história, bem como a mudança do homem no tempo e espaço, além de analisar diferentes recursos didáticos tecnológicos de uma metodologia ativa e avaliar como esses recursos auxiliam na aprendizagem dos discentes.

De modo geral, o Ensino híbrido e a metodologia ativa, contribui com a História Pública, em comunicar com os estudantes das últimas gerações que não conseguem viver sem acessar a rede mundial de computadores, e ao mesmo tempo mostrar a possibilidade de se viver com a multi inteligência humana embora a inteligência artificial tem proporcionado grandes possibilidades de multitarefas. A maioria dos professores utiliza recursos didáticos em suas aulas, mas pouco conhecimento dos meios digitais e como recurso é necessário uma capacitação continuada e ao mesmo tempo aprender com os próprios discentes.

Neste trabalho da História Pública com suas demandas e desafios da comunicação dentro e fora do espaço escolar traz assuntos bastante pertinentes a todos os educadores do século XXI, principalmente como ensinar história, a uma geração conectada com a rede mundial de computadores, que embora esteja diante de uma mega possibilidade de comunicação precisa ter orientações adequadas para filtrar as informações e principalmente saber o que fazer com elas. Diante das evidências que os objetivos foram alcançadas com esta pesquisa.

Embora foi constatado com esta pesquisa como os professores podem-se comunicar através da história com as gerações que não conheceram o mundo sem computador. Fica nítido que a escola precisa do apoio da família, pois a escola pode escolarizar mas não pode educar pois este é papel exclusivo dos pais ou responsáveis.

Foi possível contemplar como a história positivista foi usada pelos governantes para legitimar o seu poder através da figura do herói nacional. Até a decadência do lema ordem e progresso nos pós segunda guerra mundial e as transformações ocorridas no mundo e nas ciências, pois passaram a questionar que progresso é este mata milhões de seres humanos destruindo a natureza com sua fauna e flora? Este período foi questionado pela história, e esta foi analisada com o auxílio de outras ciências para uma compreensão do estudo do homem no seu tempo histórico.

Os estudantes através do ensino híbrido podem aprender a história numa linguagem que eles conhecem muito bem que é o ambiente virtual, seja no modelo rotação de sala invertida,

ou seja, os discentes estudam e pesquisam antes da aula, e dentro sala de aula sob a orientação do professor aplica-se o conhecimento com pelo menos uma atividade virtual. Além do estudo conhecido como laboratório de rotação que permite atividades em equipes no laboratório de informática, onde desenvolverão pequenos projetos ou aulas. E ainda neste modelo que é utilizado pelas universidades dos EUA, o modelo de sala de aula de rotação por estação, onde a sala foge do modelo tradicional das cadeiras uma atrás outras, mas é acompanhada por mesas onde equipes desenvolveram os projetos orientados pelo professor. O professor passa a ser um orientador e o estudante um protagonista do seu conhecimento.

Diante dos resultados obtidos, é pertinente o aprofundamento desta pesquisa em outros trabalhos científicos e em cursos de capacitação continuadas para os professores e acadêmicos, conhecendo as maneiras simples de aplicar este modelo dentro da realidade dos estudantes e da escola. Além das plataformas preparadas com os conteúdos definidos de história em ambiente virtual e sustentado pela pesquisa de campo, seja no museus ou comunidade de forma que aprendizado vindo da comunidade através do testemunho ou de outras fontes encontradas no museus e áreas afins. A tecnologia apresentada neste trabalho está sustentada pela teoria e pratica, metodologia ativa com a didática de história e seus conhecimentos, esta é uma boa estratégia para o ensino de História para as décadas seguintes.

Portanto, torna-se evidente a necessidade da utilização de recursos didáticos e tecnológicos na escola. Vê-se, pois, que a importância do professor de história planejar suas aulas conduzindo aos estudantes como protagonistas do seu próprio aprendizado de forma mais enriquecedora e cativante. Logo, é indiscutível o fato que conectar os jovens, de maneira a contribuir para uma aprendizagem reflexiva e autorreflexiva, além do livro didático. Uma parceria entre a história e suas interdisciplinaridades, a comunidade e a metodologia ativa do ambiente virtual. Entendendo a história do homem no seu tempo e espaço de forma a pensar criticamente e construtivamente sobre a história e sua relevância. Por fim, é possível perceber a história e seu público uma comunicação dentro e fora do espaço escolar, sendo impactante e eficaz a formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C. N. D.; Eisenstein, E.; Estefenon, G. S. B. **Vivendo esse Mundo Digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013. 327 p.
- STANCIK, M. A.; MILÉO, R. D. D. S. O campo do trigo de Ponta Grossa: nove décadas de histórias ainda não escritas. In: ALBIERI, S. **Anais do Simpósio Internacional de História Pública: A História e Seus Públicos**. 1º Simpósio Internacional de História Pública: A história e seus públicos. ed. São Paulo: Rede Brasileira de História Pública (RBHP), 2012. Cap. 40, p. 431.
- ALMEIDA, M. G.; Freitas, M. D. C. D. **A Escola no Século XXI - Virtualização das Relações: um desafio da gestão escolar**. Rio de Janeiro: Brasporto, v. 3, 2013. 240 p.
- ANDRADE, M. P. Portal de Divulgação Científica do IPUSP – Instituto de Psicologia da USP – psico.usp. **Psico-Usp**, São Paulo, 05 dez. 2018. Disponível em: <<http://sites.usp.br/psicosp/pesquisa-demonstra-que-o-brasil-e-um-pais-ansioso>>. Acesso em: 28 dez. 2018.
- AURÉLIO, D. R. **A Extraordinária História do Brasil - Os Tempos Atuais: Brasil República**. São Paulo: Universo dos Livros Editora, v. 3, 2010. 109 p. "A História do Brasil contada de um jeito que você nunca viu".
- BRASIL. Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Art. 1634 do Código Civil - Institui o Código Civil - Subtítulo II - Das Relações de Parentesco. **Jusbrasil**, Brasília, 10 jan 2012. on-line. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10620733/artigo-1634-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002?ref=serp-featured>>. Acesso em: 10 dez 2018.
- BACICH, L.; Neto, A. T.; Trevisani, F. D. M. **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAUMAN, Z. **Sociedade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK, U. **Liberdade ou Capitalismo, conversa com Johannes Willms**. Tradução de Luis Antônio Oliveira de Araujo. São Paulo: UNESP, 2003. 225 p.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernidade Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas, 1917-1939**. São Paulo: Edicoes Loyola, v. 11 de Coleção "Realidade educacional", 1990.
- BLOCH, M. L. B. 1.-1. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 161 p.
- BUENO, A. et al. **Um Pé de História: estudos sobre aprendizagem histórica**. Edição Especial Ebook LAPHIS. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2017.
- BUENO, A. et al. **Aprendizagens Históricas: ensino de história**. União da Vitória: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.
- BUENO, A.; ESTACHESKI, D.; CREMA, E. [ ]. **Futuro em construção: reflexões sobre a aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro: União da Vitória: Sobre Ontens Ebook, 2016. 10-11 p.

- BUENO, E. **Brasil, uma história - cinco século de um país em construção**. Rio de Janeiro: Leya, 2018. 480 p.
- CARVALHO, B. L. P. D. História Pública: uma breve bibliografia comentada. **Café História – história feita com cliques**, 06 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- CARVALHO, J. M. D. **A Formação das Almas – Imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 166 p.
- DURKHEIM, ÉMILE, 1858-1917. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução de Paulo Neves; Revisão da Tradução Eduardo Brandão. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAGUNDES, B. F. L. História Pública para além da escola: isso é possível no Brasil? In: BUENO, A., et al. **Aprendizagens Históricas: ensino de história**. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018. Cap. 3, p. 21.
- FAGUNDES, J. E. **A História e seu lugar na história: história ensinadas em Ceará-Mirim**. Natal: UFRN, 2006. 166 p.
- FERREIRA, A. R. História e Geografia: uma visão crítica sobre o mundo. **Nova Escola**, 01 mar. 2014. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1675/historia-e-geografia-uma-visao-critica-sobre-o-mundo>>. Acesso em: 27 dez. 2018. página on-line.
- FERREIRA, R. D. A. **Luz, Câmera e História: práticas de ensino com o cinema**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntico Editora, v. Coleção Práticas Docentes, 2018. 192 - online p.
- FONTES, G. B. Ensino de História: um Produto de seu Tempo. In: Bueno, A., et al. **Aprendizagens Históricas: ensino de história**. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018. p. 219.
- HAMANN, R. 10 tecnologias que mudaram a década. **Tecmundo**, 06 out. 2010. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/lcd/5785-10-tecnologias-que-mudaram-a-decada.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2018.
- HARTOG, F. **Regimes de Historicidade - Presentismo e experiência do tempo; in Presentismo pleno ou padrão; Ordem do tempo, regime de historicidade**. (Coleção história e historicidade). ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.
- HORTA, M. **Luxúria: Como ela mudou a História do Mundo - Série Sete Pecados na História**. São Paulo: Leya, 2015. 288 p.
- JUNQUEIRA, E. S. **Tutores em EAD: Teorias e práticas**. Fortaleza: Dummar, 2018.
- LORENZONI, M. Ensino Híbrido: O que é, e como colocá-lo em Prática. **InfoGeekie**, 11 ago. 2016. Disponível em: <<http://info.geekie.com.br/ensino-hibrido/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- LUCCHESI, A.; CARVALHO, B. L. P. D. História Digital: Reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. D.; SANTHIAGO, R. (**História pública no Brasil: sentidos e itinerários**). São Paulo: Letra e Voz, 2016. Cap. 11, p. 348.
- MACHADO, N. D. **Iniciação a Pesquisa Bibliográfica: Guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2ª. ed. SÃO PAULO: Loyola, 1994.
- MALERBA, J. **Ensaio, história & ciências sociais. in memoria: entre história e a historiografia; historiografia: conceito e pratica**. Londrina: Eduel, 2011.
- MANNING, S. A. **Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, Guia Básico para Auto-Instrução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2000. 208 p.

- MARTINS, R. [ . ]; Fraga, P.; Lawall, J. S. **Educação na prisão [recurso eletrônico]:** uma conversa com educadores no sistema. Rio de Janeiro: Gramma, v. 1, 2018.
- MENEGASSI, C. H. M. et al. **Gestão do Conhecimento nas Organizações:** Inovação, Gestão, Educação e Tecnologia. São Paulo: Paco, v. 2, 2017. 224 p.
- OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. D. (. **Manual de terapia familiar [recurso eletrônico].** Porto Alegre: Artmed, v. 1, 2009. 488 p.
- PENNA, F. D. A.; Silva, R. D. C. A. D. As Operações que Tornam a História Pública - A responsabilidade pelo mundo e o ensino de história. In: MAUAD, A. M.; Almeida, J. R. D.; Santhiago, R. [ . ]. **História Pública no Brasil:** Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Cap. 3º - Parte IV, p. 348.
- PLÁ, . Depressão / Ansiedade (Junia Bretas). **Tema Viagem. Tecnologia do Blogger.**, 08 jan. 2012. Disponível em: <<http://jacquespla.blogspot.com/2012/08/depressao-ansiedade-junia-bretas.html>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- PROHMANN, A. C. Desenvolvendo a Consciência Histórica e Social na Vida dos alunos e Alunas. In: Bueno, A.; Estacheski, D.; Crema, E. [ . ]. **Por um outro amanhã:** apontamentos sobre aprendizagem histórica. Ebook LAPHIS. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2016, p. 646.
- REIS, J. C. **História & Teoria - Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. in História e Verdade - Capítulo 4.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: posições: FGV, 2005.
- RIBEIRO, M. B. A. História, Ensino de História e a Produção do Herói: Em Goiás, Também Temos Um. In: BUENO, A., et al. **Jardim de Histórias:** discussões e experiências em aprendizagem histórica. Edição Especial Ebook LAPHIS. ed. União da Vitória: Sobre Ontens, 2017. p. 206.
- SALEH, N. A tecnologia está afetando as relações familiares dentro da sua casa? **Revista Crescer Globo.com**, São Paulo, 12 dez. 2014. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2014/12/tecnologia-esta-afetando-relacoes-familiares-dentro-da-sua-casa.html>>. Acesso em: 17 dez. 2018. Pesquisas mostram como o uso de smartphones, tablets e outros aparelhos eletrônicos interfere no relacionamento entre filhos, pais e casais.
- SALLES, S.; Pimenta, J. P. G.; Oliveira, C. H. D. S. Vídeos - Independência ou Morte! Leituras de 2016. **USP – Núcleo de Divulgação Científica**, 06 set. 2016. Disponível em: <<http://ciencia.usp.br/index.php/2016/09/06/independencia-ou-morte-leituras-de-2016/>>. Acesso em: 21 dez. 2018. "No 184º ano da Independência, Ciência USP convidou dois historiadores para visitar a colina do Ipiranga."
- SANTHIAGO, R. Perspectivas da História Pública no Brasil: Experiência e Debate - Anais do 2º Simpósio Internacional de História Pública. In: COSTA, A. V. **Um passado jogável? Simulação digital, jogos eletrônicos e história pública.** Niterói: LABHOI - Universidade Federal Fluminense - Rede Brasileira de História Pública, 2016. Cap. 15, p. 124.
- SCHEFFLER, S. L. **Educando para Parússia.** Curitiba: Appris, 2016. 97 p.
- SCHITTINO, R. O conceito de Público e o compartilhamento da história. In: MAUAD, A. M.; Almeida, J. R. D.; Santhiago, R. [ . ]. **História pública no Brasil:** sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Cap. 2º, p. 348.
- SCHMITZ, E. X. D. S. **Sala de aula invertida: uma abordagem para combinar metodologias ativas e engajar alunos no processo de ensino-aprendizagem.** Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação,

Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede. Santa Maria - RS. 2016.

SCHUELTER, C.; Presse, P. O Que diz o Censo da Educação Superior 2017. **Hoper Educação-Consultoria Educacional com experiência no mercado brasileiro e internacional**, 24 set. 2018. Disponível em: <<https://www.hoper.com.br/single-post/2018/09/24/o-que-diz-o-censo-da-educacao-c3%87%c3%83o-superior-2017>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

SHOPES, L. A Evolução do Relacionamento entre a História Oral e História Pública. In: Mauad, A. M.; Almeida, J. R. D.; Santhiago, R. [ ]. **História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Cap. 5, p. 348.

SILVA, F. et al. **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. 528 p.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M. B. N. D. **História de São Paulo Colonial**. São Paulo: EditoraSciELO - Editora Unesp, 2009. 346 p.

SOUZA, A. D. Internet 20 anos: linha do tempo com fatos marcantes. **Diário de Pernambuco**, 23 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/08/23/interna\\_vidaurbana,593319/internet-20-anos-linha-do-tempo-com-fatos-marcantes.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/08/23/interna_vidaurbana,593319/internet-20-anos-linha-do-tempo-com-fatos-marcantes.shtml)>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SOUZA, E. A. M. D.; Scherrer, R. Educação para poucos nos primeiros anos de independência do Brasil. In: BUENO, A., et al. **Um Pé de História: estudos sobre aprendizagem**. União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017. p. 576.

STREY, M. N.; KAPITANS K, R. C. **Educação & Internet: A era da informação e a vida cotidiana**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

USP, M. D. “Independência ou Morte”. **Conhecendo Museus**, 07 set. 2018. Disponível em: <<http://www.conhecendomuseus.com.br/noticias/independencia-ou-morte/>; <https://youtu.be/emaCXoNEFV4?t=136>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

VILAÇA, F. A. et al. Para Importânciados Virtuais O Ensino de Aprendizagem Histologia Ambientes. In: BUSARELLO, R. I., et al. **Sobre educação e tecnologia: processos e aprendizagem**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2015. Cap. 13, p. 327.

ZAMBONI, E. Panorama das Pesquisas no Ensino de História. **Saeculum: revista de história**, João Pessoa, n. Nº. 6/7, p. 109, Jan.-Dez.2000/2001 2002.